

A REDUÇÃO DO DITONGO ORAL FINAL NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

Dúnnia HAMDAN

Universidade Federal de Uberlândia

hamdan.dunnia@gmail.com

RESUMO: O presente projeto visa estudar a variação ocorrente em ditongos orais finais na fala dos residentes da cidade de Uberlândia. Essa pesquisa tem por objetivo, através das análises dos dados, tentar compreender e explicar a motivação da ocorrência de tal fenômeno e quais os contextos mais propícios para a redução do ditongo oral final. Assim, a partir de um *corpus* composto pela fala dos habitantes de Uberlândia, será possível analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a ocorrência do fenômeno pesquisado. No processo de redução do ditongo oral final, os ditongos podem realizar-se da seguinte forma: negócio que se torna “negóçu”, experiência que se torna “experiênça”. Esta pesquisa terá como guia a teoria variacionista de Labov, tomando como princípio para análise dos dados a análise sociolinguística. Esta é de natureza quantitativa e o *corpus* usado para análise será avaliado de acordo com a variável pesquisada e com os objetivos centrais da pesquisa. O projeto será desenvolvido durante o Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, portanto, se encontra em fase inicial.

PALAVRAS-CHAVE: Fonologia; variação linguística; sociolinguística; ditongo.

INTRODUÇÃO

O presente projeto visa estudar a variação ocorrente em ditongos orais finais na fala dos residentes da cidade de Uberlândia. Essa pesquisa tem por objetivo, através das análises dos dados, tentar compreender e explicar a motivação da ocorrência de tal fenômeno e quais os contextos mais propícios para a redução do ditongo oral final.

Assim, a partir de um corpus composto pela fala dos habitantes de Uberlândia, será possível analisar os fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a ocorrência do fenômeno pesquisado.

A partir das leituras realizadas acerca do sistema vocálico do Português Brasileiro e com algumas observações feitas sobre a fala dos uberlandenses, foi possível notar que tanto o processo de ditongação (epêntese do glide) quanto a redução do ditongo estão em constante variação no dialeto da região estudada. No processo de redução do ditongo oral final, os ditongos podem realizar-se da seguinte forma: negócio que se torna “negóçu”, experiência que se torna “experiênça”.

Dessa forma, temos o intuito de verificar se essa é uma variação realmente presente no dialeto dos habitantes de Uberlândia e quais os fatores motivadores para a ocorrência do mesmo, sendo feita uma descrição detalhada como a variação ocorre. Além disso, todas as análises feitas nesse projeto contribuirão para a formação de um banco de dados da região do Triângulo Mineiro, em que é importante ressaltar que estudo sobre a redução do ditongo oral final ainda não havia sido realizado na cidade pesquisada. A escolha do município de Uberlândia para o desenvolvimento dessa pesquisa foi feita devido o fato de ser um município em constante crescimento, e por sempre estar recebendo pessoas de outros estados, além disso, percebemos que a variação da redução de ditongo oral final realmente ocorre nessa região, por isso, a necessidade de estudar como ocorre e quais os fatores motivadores para essa ocorrência desse fenômeno.

Tem sido desenvolvido no Brasil e no mundo muitos estudos sobre a variabilidade da fala. Na área da Fonologia, se tratando de variabilidade da fala, pesquisas de grande importância têm sido realizadas para que se possa compreender uma série de fenômenos variáveis que ocorre na língua falada. No Brasil, dentro da área da Fonologia, tem-se destacado os estudos realizados acerca do sistema vocálico do Português Brasileiro (PB).

OBJETIVO

Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é a descrição e análise da redução do ditongo oral final que ocorre na fala espontânea dos habitantes do município de Uberlândia. Objetiva-se estudar também, os processos fonológicos que favorecem a ocorrência do fenômeno pesquisado.

Objetivos específicos

Especificamente, os objetivos deste trabalho consistem em:

- Fazer um levantamento de dados sobre o processo variável pesquisado.
- Descrever e analisar o processo da redução do ditongo oral final na cidade de Uberlândia.
- Fazer um mapeamento sobre o fenômeno da redução do ditongo no município de Uberlândia, a fim de acrescentar informações ao banco de dados de fala do referido município;
- Analisar e descrever as variáveis linguísticas e extralinguísticas envolvidas no fenômeno variável em questão.
- Explicar como o fenômeno pesquisado ocorre e quais contextos priorizam sua ocorrência.

HIPÓTESES

Formulamos de início, sete hipóteses que buscaremos refutar ou confirmar por meio dos resultados que forem obtidos no decorrer dessa pesquisa:

- A faixa etária condiciona o processo de redução do ditongo, pois acreditamos que pessoas com faixa etária mais elevada possuem maior tendência para aplicarem a regra em questão.
- Verificaremos se o contexto precedente possui alguma influência na ocorrência da redução do ditongo.
- Acreditamos que o contexto seguinte composto de pausa será mais propício para a ocorrência da variação, pois, intuitivamente, percebemos que quando há uma palavra seguinte ao ditongo, este permanece sem redução.
- A aplicação da regra tende a ocorrer mais em palavras paroxítonas.

- Consideramos que as vogais altas e médias-altas poderão influenciar mais na redução do ditongo, devido ao processo de alçamento que algumas vogais sofrem.
- Temos ainda a hipótese de que a variável faixa etária possa propiciar maior contexto para a variação.
- Acreditamos que a variável sexo será relevante para a redução do ditongo oral final.

JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa se justifica por contribuir com o levantamento de dados sobre o processo da ditongação que ocorre no dialeto do Triângulo Mineiro. A análise dos dados coletados nas entrevistas serão sempre baseados em textos teóricos.

O desenvolvimento deste plano de trabalho ajudará a compor um banco de dados sobre os processos fonológicos do sistema vocálico, em especial a redução do ditongo oral final, na cidade de Uberlândia. A cidade de Uberlândia foi escolhida para o desenvolvimento desta pesquisa, pelo fato de ser mais próxima.

Este estudo é de suma importância, pois contribuirá com os estudos da área da linguagem, já que descreverá e analisará um fenômeno fonológico presente em uma cidade do Triângulo Mineiro. Logo, conheceremos mais sobre o “falar” dos moradores da cidade de Uberlândia e as variantes linguísticas e extralinguísticas que permeiam essa “fala”, quando aplicam a regra em questão.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Câmara Jr. (1970) descreve o sistema vocálico do português como um sistema complexo, composto por sete fonemas vocálicos, que se multiplicam em muitos alofones. O autor demonstra tal sistema de forma triangular, em que a articulação da parte anterior, central e posterior dá a classificação articulatória das vogais (anterior, central e posterior), e a elevação gradual da língua na parte anterior ou posterior, dá a classificação articulatória das vogais baixas, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas.

Assim, em posição tônica, Câmara Jr. (1970) afirmou ter o sistema vocálico do português, sete vogais: /a/, /E/, /ê/, /i/, /O/, /ô/, /u/. Essas sete vogais reduzem-se a cinco devido a um processo fonológico denominado neutralização que consiste na perda da capacidade distintiva entre dois fonemas em um contexto específico. Em posição pretônica, o sistema vocálico é composto das vogais: /a/, /ê/, /i/, /ô/, /u/. Na posição átona não final, o sistema vocálico reduz-se a: /a/, /ê/, /i/, /u/. E em posição átona não-final, as vogais reduzem-se a três: /a/, /i/, /u/.

Câmara Jr. (1970) descreve ainda uma última posição átona, a chamada posição assilábica, isto é, quando a vogal deixa de ser o núcleo da sílaba para ocupar uma das duas margens, assemelhando-se às consoantes. O resultado desse posicionamento de uma vogal nas margens da sílaba é uma vogal modificada por influência de outra vogal, formando assim o ditongo.

Sobre as vogais assilábicas, há ainda duas questões de grande importância que Câmara Jr. (1970) faz em relação à estrutura da sílaba que possui uma vogal assilábica. Primeiramente, o autor afirma que tais vogais sofrem intensa neutralização, pois o sistema vocálico foca em uma única oposição entre uma vogal anterior alta /i/ (por exemplo, *pai* e *sei*) e uma vogal posterior alta (por exemplo, *pau* e *seu*). Outro problema é em relação à classificação dessa vogal assilábica em consoante, pelo fato de tal segmento se comportar muitas vezes como consoante (por exemplo, a presença dela em uma sílaba pode ser considerado um travamento, ou seja, sílabas terminadas com vogais assilábicas são consideradas sílabas travadas, semelhante ao /r/ ou /l/ no final da sílaba). Assim, diante destas questões sobre a classificação de uma vogal assilábica dentro da estrutura silábica, tal vogal é chamada de semivogal.

Collischonn (2005), assim como Câmara Jr. (1970), afirma que toda sílaba é formada de um ataque (A) e uma rima (R). A rima é composta de um núcleo (Nu) e uma coda (Co). Qualquer categoria apresentada pode ser vazia, com exceção do núcleo, que sempre será uma vogal, ou seja, as vogais constituem o núcleo da sílaba. As sílabas podem ser classificadas em pesadas e leves. Uma sílaba leve é aquela que a rima é composta por uma vogal e as sílabas pesadas são aquelas em que a rima é composta por vogal + consoante ou por vogal + vogal (ditongo ou vogal longa). Segundo Câmara Jr. (1970) uma sílaba pode ser composta de até seis segmentos; ou seja, CCVVCC. Este molde, contudo, não é o mais apropriado, pois não há em português sequências de ditongo e duas consoantes (Collischonn, 2005). Assim, o padrão silábico que melhor representa a sílaba é CCVCC.

Retomando a discussão anterior sobre a representação dos ditongos, este padrão silábico CCVCC, ainda é muito discutido. Vejamos então, o que é um ditongo e como se comporta em uma sílaba.

De acordo com Cunha & Cintra (2008) o ditongo é o encontro de uma vogal com uma semivogal. Eles podem ser classificados em ditongos decrescentes, crescentes, orais e nasais. Focaremos apenas nos ditongos decrescentes e crescentes, pois nesta pesquisa investigaremos a redução do ditongo oral final, mais especificamente os ditongos decrescentes.

Para Câmara Jr. (1970) e Bisol (1989), os verdadeiros ditongos são os decrescentes. Os ditongos crescentes não existem em nossa língua, pois segundo Bisol (1989) eles resultam de uma ressilabação pós-lexical, isto é, eles se formam a partir da junção de rimas de duas sílabas diferentes, e segundo Câmara Jr. (1970), os crescentes variam entre ditongo e hiato, por exemplo, *su.ar/ suar*, *su.a.dor/ sua.dor*.

Em ditongos decrescentes, há uma grande questão sobre a posição da semivogal, se ela ocupa o núcleo da sílaba ou a coda. Para Câmara Jr. (1970), essa é uma questão que envolve diversas análises, pois segundo o autor, considerar a sequência de um ditongo como VV é pressupor que esta seja uma sílaba aberta, bem como considerar que seja uma sequência VC é pressupor que seja uma sílaba travada.

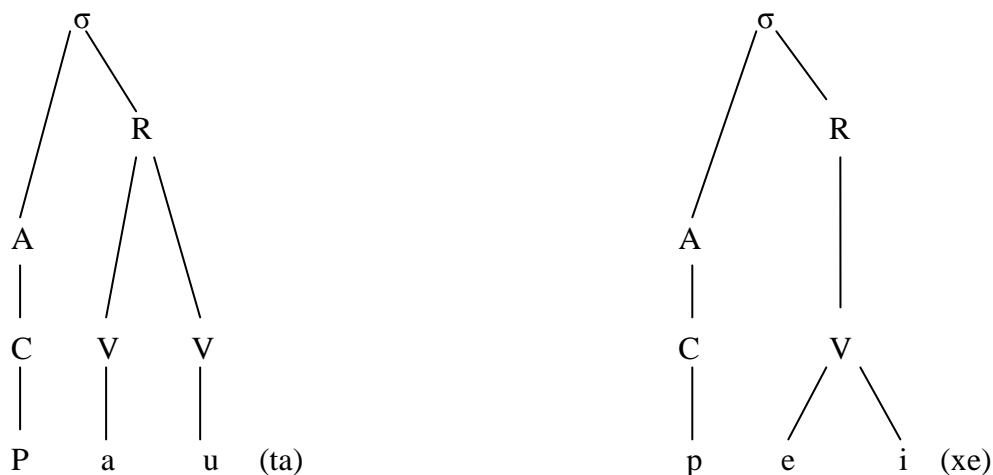
Câmara Jr. (1970) afirma que a semivogal possui características vocálicas e que por isso ela ocupa o núcleo da sílaba juntamente com a vogal silábica. Considerando essa característica da semivogal, o ditongo pode ser interpretado como VV, uma das explicações para isto, segundo Câmara Jr. (1970), é a de que os glides não são considerados como elemento do inventário fonológico do português.

Para Bisol (1989) a semivogal fica na posição de coda, pois ela ocupa o lugar da consoante, nos ditongos decrescentes. Analisando as semivogais, no nível subjacente, elas são consideradas vogais altas, que se transformaram em glides no decorrer do processo de silabação.

Há ainda uma distinção dos ditongos decrescentes a fazer. Eles podem ser classificados em ditongo verdadeiro ou falso (ou leve). Os ditongos verdadeiros são ligados a dois elementos V, e os falsos (ou leve) ditongos são ligados a um único elemento V. De acordo com a geometria de traços de Clements, a representação arbórea dos ditongos falsos e verdadeiros fica da seguinte forma:

Ditongo verdadeiro

Ditongo falso (ou leve)



Devido a essa estrutura, os ditongos decrescentes falsos apresentam variação com monotongos, por exemplo, p[ej]xe que se torna p[e]xe . Já os verdadeiros ditongos não sofrem essa variação, por exemplo, p[aw]ta não se torna *p[a]ta. Isso significa que os ditongos decrescentes falsos são mais vulneráveis a variação, pois pode sofrer monotongação, redução ou ditongação.

Os ditongos tem sido objeto de estudo de muitos pesquisadores em fonologia, a maioria deles optam por explicar tal fenômeno através da Geometria de Traços de Clements, pois acreditam-se que a epêntese ou redução dos glides [j,w] em algumas palavras com contextos favorecedores, seja um processo assimilatório. Contudo, a redução do ditongo oral final pode ser explicado à luz de outras teorias lingüísticas (além da Geometria de traços citada anteriormente), incluindo, a fonologia métrica (que pretende representar a sílaba e analisar o acento da palavra) e a fonologia lexical (que pretende interagir regras fonológicas juntamente à regras morfológicas).

METODOLOGIA

Contexto da pesquisa

De acordo com Labov (2008) “a língua é uma forma de comportamento social [...]. O estímulo lingüístico para tais estudos [sociolingüísticos] é primordialmente o de que dada pessoa ou grupo usa a língua X num contexto ou domínio social Y”. Dessa forma, não se pode explicar um fenômeno fonológico, sintático, morfológico ou semântico

apenas do ponto de vista linguístico, é preciso considerar o contexto social em que a variação ocorre, pois o meio social em que o falante está inserido sempre influencia no modo como ele usa a língua para se comunicar.

Labov (2008) sendo precursor da Sociolinguística Variacionista desenvolveu métodos de estudos que consideram fatores linguísticos e extralingüísticos como sexo, faixa etária, grau de escolaridade e classe social do falante. Assim, ao desenvolver esta pesquisa também consideraremos esses fatores como proporcionadores de contextos para o surgimento da variação.

Para a coleta do corpus, Labov (2008) utilizou o método das entrevistas gravadas com os habitantes da comunidade estudada. Segundo o estudioso, é importante que o pesquisador interaja com a comunidade pesquisada e com os informantes. Contudo, infelizmente, para desenvolver esta pesquisa não será possível ter muitos encontros com os informantes, até mesmo pela disponibilidade de tempo.

Assim, para a coleta do corpus dessa pesquisa, seguiremos alguns métodos propostos por Tarallo (1997) em que o autor afirma que o pesquisador pode fazer uso de várias estratégias para se obter o vernáculo (fala espontânea) em suas entrevistas, como, instigar o entrevistado a dar um depoimento, narrando alguma situação de perigo (por exemplo), ou seja, envolvê-lo emocionalmente no que está narrando para que o mesmo não preste atenção em “como” está falando, mas sim “no que” está falando; o autor propõe ainda que essas entrevistas possam ser coletadas pelo pesquisador com o auxílio de um roteiro de perguntas elaborado previamente. Segundo Tarallo (1997) e a teoria sociolinguística, o pesquisador deve desinibir o entrevistado para que ele deixe de se preocupar com a maneira que está falando. O pesquisador deve, também, neutralizar a força exercida pela presença do gravador e pela sua própria presença, pois o informante pode se sentir observado e passa a corrigir sua fala.

Segundo todos esses métodos propostos por Labov (2008) e Tarallo (1997), nesta pesquisa coletaremos 24 entrevistas com os habitantes da cidade de Uberlândia. Após a coleta dos dados, as entrevistas serão transcritas e serão selecionados os dados relevantes para este estudo, que são os ditongos orais finais reduzidos. Em seguida, esses dados serão codificados e analisados com a ajuda do programa estatístico GOLDVARB 2003 para, finalmente, serem interpretados à luz de teorias fonológicas. Outro programa poderá ser utilizado para que se possa compreender melhor os fonemas utilizados pelos informantes, dessa forma, utilizaremos o Praat (programa de análise acústica dos sons) para verificar e analisar melhor os dados.

Localização e escolha do município pesquisado

Segundo o site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no censo do ano de 2010, a cidade de Uberlândia possui uma área correspondente a 4.115, 206 km² e com uma estimativa de 604.013 habitantes, situada a 556 km de Belo Horizonte, na região do Triângulo Mineiro à Oeste do referido estado. É considerada a segunda maior cidade de Minas Gerais.

Optamos por essa cidade devido o fato de ser uma cidade em constante mudança e crescimento; pelo fato também de que essa é uma cidade que recebe muitas pessoas de outros estados e que de certa forma, acabam influenciando na cultura da região. Além disso, verificamos que há de fato a ocorrência das variáveis a serem estudadas na fala dos residentes uberlandenses em um estudo anterior desenvolvido ainda na graduação.

SELEÇÃO DAS VARIÁVEIS

Variável dependente

Teremos como variável linguística dependente a realização da redução do ditongo oral em final de palavra, ou seja, o ditongo [Vj] ou [Vw] (vogal mais glide), que reduz para [V] (vogal), por exemplo, na palavra “negócio” que se torna negó[su]; “experiência” que se torna experiên[sa]; “vácuo” que se torna vác[u]; entre outras realizações a serem observadas. Portanto, serão analisadas duas variantes: i) redução do ditongo (ngó[su]); ii) preservação do ditongo (negóc[iw]).

Variáveis independentes

Determinamos oito variáveis independentes, em que cinco são linguísticas e três extralinguísticas.

.

Variáveis linguísticas

Contexto precedente

Levando em consideração esta variável, pretende-se analisar que tipo de consoante influência para a variação da redução do ditongo oral final. Dessa forma, o contexto precedente levará em consideração o modo de articulação e o ponto de articulação do segmento que antecede o ditongo analisado.

Quanto ao modo de articulação, os segmentos precedentes foram divididos em: **nasais** (verificaremos nos dados se há ocorrência de variação nesse contexto), **oclusivos** (vácuo), **fricativos** (negócio), **lateral** (família), **vibrante** e **africada** (verificaremos nos dados se há ocorrência de variação nesse contexto), **tepe** (contrário).

Quanto ao ponto de articulação, os segmentos precedentes foram assim divididos: **velares** (vácuo), **alveolar** (experiência), **labiais**, **palatal** e **láblio-dentais** (verificaremos nos dados se há ocorrência de variação nesse contexto).

Contexto seguinte

Se tratando do contexto seguinte, pretende-se analisar que tipo de contexto influência para a variação da redução do ditongo oral final. Assim, será investigado se a **pausa** ou o tipo da **consoante** ou **vogal** localizada no ataque da palavra seguinte ao ditongo proporcionam contexto para o surgimento da variação.

Para investigação da variável contexto seguinte será preciso analisar a palavra inserida em uma oração, por exemplo, no caso das consoantes e/ou vogais (como contexto seguinte) serão observados os contextos em orações como: “*vamos fechar um negócio hom?*”, “*esse é um negócio excelente*”. No caso da **pausa** (como contexto seguinte), será analisada em orações como: “*tenho experiência#*.”.

Tamanho da palavra

Para sabermos se o tamanho da palavra influência na ocorrência da redução do ditongo oral final verificaremos se há mais ocorrências em palavras **proparoxítonas** e/ou em palavras **paroxítonas**. Acreditamos que essa variável “tamanho da palavra”

possa envolver alguma questão histórica, para tanto, pode haver a possibilidade de recorrermos à descrição histórica da língua para entender tal fenômeno em estudo.

Tipo da vogal

Para entendermos qual a importância das vogais na redução do ditongo oral final, observaremos se estas são: **vogal baixa** (experiência), **vogal alta** (comérci[u]), **vogal média-alta** (seriee), **vogal média-baixa** (verificaremos nos dados se há ocorrência de variação nesse contexto).

Tipo da semivogal

Assim como verificaremos o tipo das vogais que estão presentes na variação, observaremos o tipo da semivogal e se esta influencia na redução do ditongo oral final. Dessa forma, serão analisados os glides [j] (agência) e [w] (comérci[w]).

Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas estudadas serão as seguintes:

➤ **Sexo:**

Masculino;

Feminino.

➤ **Faixa etária:**

Entre 15 e 34 anos de idade;

Entre 35 e 54 anos de idade;

Com 55 anos ou mais de idade.

➤ **Escolaridade:**

Entre 0 e 11 anos de estudo (ensinos primário; fundamental e médio);

Com mais de 11 anos de estudo (ensino superior ou curso técnico).

Desse modo, os informantes serão divididos de acordo com os quadros abaixo:

Quadro 1: células de pesquisa conforme o sexo feminino

FEMININO (12 informantes)	0 a 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 1
			INFORMANTE 2
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 3
			INFORMANTE 4
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 5
			INFORMANTE 6
	Mais de 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 7
			INFORMANTE 8
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 9
			INFORMANTE 10
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 11
			INFORMANTE 12

Quadro 2: células de pesquisa conforme o sexo masculino

MASCULINO (12 informantes)	0 a 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 13
			INFORMANTE 14
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 15
			INFORMANTE 16
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 17
			INFORMANTE 18
	Mais de 11 anos de estudo (6)	15 a 34 anos de idade (2)	INFORMANTE 19
			INFORMANTE 20
		35 a 54 anos de idade (2)	INFORMANTE 21
			INFORMANTE 22
		Com 55 anos ou mais de idade (2)	INFORMANTE 23
			INFORMANTE 24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. **O sistema vocálico do português**. In: *BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 171-206.

BISOL, L. **O Ditongo na perspectiva da fonologia atual**. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

_____. **Ditongos Derivados**. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 10, n. Especial, p. 123-140, 1994.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 10ª Edição. Petrópolis, Vozes, 1970.

COLLISCHONN, G. **A sílaba em português**. In: *BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-133.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: 2008.

MARTINS, Evilázia Ferreira. **Os glides no Português Brasileiro**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

MATZENAUER, C. L. **Introdução à teoria fonológica**. IN: *BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-68.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MONARETTO, V. N. O; QUEDNAU, L. R.; HORA, D. da. **As consoantes do português**. In: *BISOL, Leda (org.). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4 ed. ver. e ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 207-241.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sóciolinguística**. 4^a Edição. Série Princípios, São Paulo: Ática. 1997, 96p.